



IDENTIDADE AMAZÔNICA EM LA VORÁGINE

Maria Tereza da Silva Cruz

Universidade Federal de Rondônia (UNIR)

E-mail: tereza.cruz@unir.br

RESUMO

O presente artigo tem por finalidade reconhecer os elementos constituintes da identidade amazônica, presentes na obra *La Vorágine*, de José Eustásio Rivera. Para tanto, pretende-se utilizar-se de uma análise da narrativa que privilegie as teorias sobre Identidade e Pós-colonialismo. Tal análise dar-se-á em três momentos: a apresentação das teorias sobre identidade e memória, em seguida, a apresentação da obra e, por último, a análise da obra através dos conceitos apresentados.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura; Amazônia; Identidade.

JOSE EUSTAQUIO RIVERA'S LA VORAGINE: AMAONIAN IDENTITY

ABSTRACT

In this article I identify the constituent elements of the Amazonian identity, present in José Eustásio Rivera's *La Voragine*. I get support to my analysis from Postcolonial theory as well as discussions about Identity. This analysis will take place in three moments: the presentation of theories such as postcolonialism, identity and memory, then the presentation of the work as an object of our analysis and, finally, the analysis of the work by the South American writer.

KEYWORDS: Literature; Amazon; Identity A Voragem, Rivera

INTRODUÇÃO

A identidade da Amazônia encontra-se vinculada a uma série de símbolos e de conceitos criados após a chegada dos colonizadores a partir do século XVI. Nesse contexto, boa parte de nossa história sobre o espaço amazônico é composta basicamente de relatos de viajantes, historiadores e cientistas das mais diversas

áreas, vindos de outros lugares. Havia um interesse comercial de conhecer a geografia, a fauna, a flora, os minérios e o humano que aqui vivia e, dessa forma, avaliar o potencial de exploração desse espaço. Se por um lado, havia descrições pormenorizadas sobre diferentes áreas da ciência, também houve, provocado pelo impacto do encontro do homem europeu com a Amazônia, um desenvolvimento da imaginação literária, atrelada às mitologias europeias e à simbologia religiosa cristã. Assim sendo, segundo Neide Gondim, a Amazônia é uma invenção:

Contrariamente ao que se possa supor, a Amazônia não foi descoberta, sequer foi construída; na realidade, a invenção da Amazônia se dá a partir da construção da Índia, fabricada pela historiografia greco-romana, pelo relato dos peregrinos, missionários, viajantes e comerciante (GONDIN, 1994, p.09).

Assim, a imagem de um espaço despovoado, inóspito ao europeu civilizado, selvagem e fantástico alimentou e ainda alimenta a nossa imaginação. O europeu refletiu sua mitologia ao olhar para Amazônia ao tentar explicá-la, e este olhar ficou impresso, na memória, na imaginação, nas lendas, na literatura, nos documentos, nas pesquisas, etc. Nestas construções, encontramos um lugar maravilhoso e intimidador, colorido e repleto de espécies exóticas, tanto na fauna quanto na flora, e nos vemos envoltos numa atmosfera que contribui para compor o cenário de um épico cavaleiresco, cujo o herói é ele mesmo, o homem branco.

Todos esses relatos pouco levaram em consideração a história das comunidades pré-existentes a sua chegada. À margem das lendas foi construído um espaço fantástico, praticamente vazio de humano e cheio de seres mitológicos, apto a descobertas e exploração. O homem europeu, vindo de uma sociedade que se acreditava moderna e recém industrializada, encontrava-se naquela época numa espécie de paraíso perdido, onde as potencialidades eram comercialmente promissoras. Mesmo hoje, após cinco séculos de colonização, pesa ainda esse imaginário sobre a Amazônia, pois convivemos com a ideia de grandes espaços vazios e a necessidade constante de garantir o desenvolvimento econômico e cultural dessa região. Assim como o Brasil sofre o estigma de ser o país do futuro, a Amazônia sofre a promessa de ser o Eldorado, de forma que esses relatos de viagem, além de fincarem aqui mitos fundadores de outros lugares, contribuem para um processo de devir de colonização, no qual nossa identidade é construída pelos olhos do outro. Os

relatos de viagem, aqui mencionados são, na perspectiva de Mary Louise Pratt: (...) são o que chamo de narrativas de anticonquista, que neutralizam a presença e autoridade global europeia em vez de transformá-las em invasão, fazendo uma impressão mais de inocência do que de intervenção (1999, p. 27).

Destarte, a autora considera como relatos de viagem tanto os escritos feitos pelos cientistas, naturalistas e correlatos, quanto as narrativas ficcionais, uma vez que produzidas por colonizadores, não são somente descritivas, mas classificatórias, estabelecedoras de juízos de valor sobre colonizados e colonizadores.

Os primeiros a escreverem sobre a natureza amazônica eram cientistas em sua maior parte, enviados das metrópoles a fim de informar a Europa sobre o potencial de exploração da região (SOUZA, 2009). Temos também a figura dos missionários, para catequizar os “selvagens” e garantir-lhes a salvação e, dos escritores, com a missão curiosa de escrever sobre a Amazônia. Neste sentido, completando o pensamento de Pratt, Márcio Souza conclui:

O relato que foi durante a conquista a forma de expressar literariamente a região - ao mesmo tempo, documento e relação -, dissocia-se numa forma que é ainda documento, mas indiretamente por meio da poesia e, por meio do inventário, quando a conquista se transforma em colonização. (2009, p. 161).

Nesse ínterim, os vários ciclos de exploração das especiarias, da borracha e do ouro contribuíram para a expansão dos amazônicos espaços “vazios” e esse tipo de literatura escrita pelos viajantes desempenhou importante papel na construção dos mitos que se perpetuaram ao longo do tempo, pois de forma sutil, garantiu-lhes espaço na imaginação dos colonizadores e colonizados forjando, no imaginário dos primeiros, a autoridade competente para vir para cá e, e nos segundos, a ideia de fragilidade e necessidade de proteção. É o que Souza (2009) define como posse legitimada pela cultura, uma vez que foi por meio da escrita que foi documentado a experiência colonial daqui para o Ocidente, “legitimando-se uma posse geográfica com imagens surpreendentes de submissão e essência europeia redentora”. Tal concepção dialoga com Pratt (1999), uma vez que, segundo a autora, o colonizado é tido como aquele que implora pela ação beneficente do colonizador, que carrega o ideal civilizatório.

Dentre os cientistas e viajantes que contribuíram para a formação do imaginário sobre a Amazônia, podemos citar o Frei Gaspar de Carvajal, responsável pelo nome Amazonas, que durante a expedição de Francisco de Orellana, no então Rio Grande, relatou um encontro com as lendárias amazonas, guerreiras indígenas, em 1541; e Charles Marie de La Condamine, que além de seus estudos sobre a flora e a fauna, produziu um mapa sobre a bacia amazônica e que também fez o mesmo relato sobre um encontro com as amazonas. Após estes, por volta de meados do século XVIII, vieram outros com as mesmas características: estudar, classificar, aventurar-se pelos rios, escrever sobre os indígenas e explorar. Todos eles escreveram tratados científicos misturados a relatos de viagens, nomeando e descrevendo o espaço geográfico e a atividade humana aqui existente, chegando mesmo a aconselhar o extermínio dos índios, para dar espaço aos homens civilizados, ideia defendida pelo geógrafo francês Henri-Anatole Coudreau (SOUZA, 2009).

Ainda de acordo com Márcio Souza, do contato com o colonizador com os povos indígenas também vemos o início de uma produção literária sobre as comunidades indígenas. Dentre eles, citamos Charles Frederick Hart, canadense responsável por uma das primeiras sínteses etnográficas da Amazônia; o brasileiro João Barbosa Rodrigues e sua esposa Constança Rodrigues que escreveram uma coleção de literatura oral dos índios Waimiri; o alemão Theodor Koch Grunbergue que publicou um tratado sobre a mitologia de várias tribos. Desse início, Souza destaca entre meados do século XVIII até o XIX, três nomes responsáveis pela mudança no modo de tratar a experiência colonial na Amazônia: John Gabriel Stedman, autor de *Joana the Female Slave*, Henrique João Wilkens, autor de *Muhuraida*, e Alexandre Rodrigues Ferreira, cientista que “faz emergir a grande região ao sistema das observações científicas” através de seus estudos sobre os três reinos da natureza, obras naturalistas por excelência, de acordo com Souza. Além destes, lembremos ainda os brasileiros Inglês de Souza (Contos amazônicos, 1893), José Veríssimo (Cenas da vida amazônica) e Euclides da Cunha (À margem da história, 1909). Embora haja muitos outros autores de obras ficcionais, nos limitamos a mencionar apenas alguns sem emitir juízo de valor sobre a qualidade estética.

E é neste contexto que o escritor colombiano José Eustásio Rivera foi destacado pelo governo de seu país a adentrar a selva com a finalidade de delimitar

as fronteiras entre Colômbia e Venezuela, desta viagem, nasceu *La Vorágine* (1924). A exploração da borracha era negócio lucrativo no início do século XX, atraindo investidores e aventureiros. A obra é viva em descrições sobre a floresta e a força que a mesma exerce sobre o homem, dominando-o, engolindo-o, desumanizando-o.¹

Assim, José Eustásio Rivera reitera, mesmo que não intencionalmente, os mitos construídos pelo colonizador, presentes nos relatos de viagem. Nossa região é uma invenção.

Para justificar a presença do homem branco: colonizar, catequizar, explorar, desenvolver, povoar, defender o território ameaçado. Portanto, neste trabalho pretende-se analisar dentro da obra *La Vorágine* o discurso do colonizador na construção da identidade amazônica.

2. La Vorágine

La Vorágine começou a ser escrito em 1922, quando José Eustásio Rivera foi nomeado secretário da comissão de fronteira, com a missão de delimitar as fronteiras da Colômbia com a Venezuela. Antes disso, porém, já havia tido contato com a região amazônica em virtude de sua profissão de advogado e, conhecido Luis Francisco Zapata, em 1918, cuja história de aventura pela selva, junto de sua companheira Alicia Hernández Carranza, que teve grande influência na escrita do romance de Rivera. Com efeito, os relatos dessa personagem parecem ter se misturado à própria experiência do autor, quando de sua viagem. A narrativa é feita em primeira pessoa, o personagem Arturo Cova, poeta e sedutor contumaz, inicia a história num tom confessional, como se quisesse justificar a fuga com Alicia, como uma fuga do próprio destino:

Quando los ojos de Alicia me trajeron la desventura, había renunciado y a la esperanza de sentir un afecto puro. Em vano mis brazos –tediosos de libertad- se tendieron ante muchas mujeres implorando para ellos una cadena. Nadie adivinaba mi ensueño. Seguía el silencio em mi corazón. (RIVERA, 2002, p. 43).

¹ Todas as informações sobre o autor e sua obra foram obtidas no sítio eletrônico da Biblioteca Nacional da Colômbia.

Assim, a trama inicia deixando o leitor a par do conflito vivido pelas personagens: Alicia foge com Arturo para não casar com o pretendente arranjado por sua família. Ambos os personagens querem transparecer, no início da obra, que o que os move é a existência de um capricho individual e que não está relacionado necessariamente ao sentimento. No entanto, no desenrolar da trama, o sentimento negado no início fica cada vez mais explícito diante dos perigos que ambos têm que enfrentar para ficar juntos novamente.

Desta forma, Alicia, moça de família tradicional, entrega-se ao poeta Arturo para que fique desobrigada de casar com um “*viejo terrateniente*”, entendido aqui como um velho latifundiário, ou seja, nada parecido com os seus anseios de menina romântica e sonhadora que queria se casar com um primo. Mesmo assim, o arrependimento chega cedo demais, ao ver a indiferença com que Arturo a trata logo após a fuga. Eles estão fugindo para Casanare, estado da Colômbia situado a leste do país, na época tratado como sertão ou deserto por ser pouco povoado e desenvolvido. Temos o espaço onde se passa o romance, a selva amazônica, temos as duas personagens centrais em conflitos individuais, porém para que esses conflitos atinjam o ápice de tensão dramática é necessária a figura do antagonista. É ele quem vai separar Alicia de Arturo, e fazer com que este atravesse a selva para reencontrá-la novamente. O antagonista no enredo é Narciso Barrera, figura que surge enquanto Alicia e Arturo estão acampados no sítio La Maporita de Dom Rafo e Griselda. Barrera é aliciador de trabalhadores para o caucho, tanto de homens para a extração da seringa, quanto de mulheres para serem prostitutas, ambos em regime de escravidão. Quando Alicia é sequestrada por Barrera, a busca por ela, através da floresta e seus perigos, transforma o sentimento inicial que havia entre Alicia e Arturo: de arrependimento e indiferença para afeto verdadeiro.

Toda esta trama serve de mote para a revelação da exploração do trabalho nos cauchos da fronteira entre a Colômbia e o Brasil. O romance é classificado como regionalista/naturalista e considerado um dos maiores clássicos latino-americanos, principalmente pela riqueza de sua imaginação literária.

3. Teorias sobre Identidade e Memória

Pensar em identidade implica pensar em todo um contexto histórico, social e político, uma vez que reivindicar uma identidade para si ou para outrem, modifica a criação da realidade e o modo de ver as coisas. Um país, uma língua, um povo só tem identidade em referência a outros países, outras línguas, outros povos. Isto posto, precisamos entender a diferença como ponto central para a definição do conceito de Identidade, uma vez que é a partir da diferença que marcamos a identidade. Por outro lado, a marcação da identidade está ligada à exclusão, por exemplo, quando dizemos que somos brasileiros, também afirmamos, por exclusão, que não somos argentinos, nem venezuelanos, nem colombianos. Desta forma, podemos concluir que a diferença é um produto derivado da identidade (SILVA, 2004).

Nesta linha de pensamento, ainda de acordo com Tomás Tadeu Silva (2004), a construção da identidade não pode ser entendida como uma atitude isolada de um sujeito, pois quando digo, sou brasileiro, afirmo fazer parte de um grupo social que forma uma nação, ou seja, faço parte de um povo. Implicitamente, crio uma série de classificações, hierarquizo, divido, marco a diferença. A partir do ponto de vista da identidade, hierarquizar, classificar é estar no poder. Normatizar é eleger um padrão a ser seguido por um grupo em contraposição a outros grupos (SILVA, 2004).

A memória, por sua vez, também tem seu papel estruturador da identidade, outrossim, papel do grupo social na construção dessas memórias é afirmar o que pode ou não ser considerado memória ou o que deve ser esquecido. A identidade talvez possa ser entendida, então, como uma colcha de retalhos tecida de memórias individuais e criações coletivas feitas a partir dessas memórias (conceito semelhante ao de “cimento social” que Hall adota em “A Identidade Cultural na Pós-modernidade”). Por isso, nem sempre aquilo de que se tem memória precisa ter acontecido realmente, basta que o grupo acate ou não como parte de sua identidade (JELIN, 2001).

Desta forma, esquecer e lembrar fazem parte do jogo de poder que constrói socialmente a identidade através de representações da mesma. Na concepção de Homi Bhabha (2016)²:

As nações, como as narrações, perdem suas origens nos mitos do tempo e só podem perceber completamente seus horizontes nos olhos da mente. Tal imagem da nação – ou narração – pode parecer impossivelmente romântica e excessivamente metafórica, mas é dessas tradições do pensamento político e da linguagem literária que a nação emerge como uma poderosa ideia no ocidente.³

Assim sendo, lembrar e esquecer nem sempre são escolhas conscientes. A perpetuação de memórias como constituintes de uma identidade social passa por questões de poder, escolhas políticas, entre outras. Quando se trata da manutenção de relatos, de textos escritos, estes podem ser mantidos ou até mesmo ignorados pelas comunidades. No caso da literatura, esta, muitas vezes, por seu caráter de ficção, pode ser relegada a um segundo plano, o que não significa que tenha menos importância ou menos valor de análise do que um texto considerado oficial, como é o caso dos relatos de viagem produzidos a partir do século XVI, por colonizadores na Amazônia. Nesses relatos, podemos observar a construção da identidade feita pelo europeu, tomando por princípio a representação social de sua sociedade, recalcada na diferença e gerando mitos que se perpetuam até hoje.

4. Análise de La Vorágine

La Vorágine inicia-se com uma denúncia do próprio autor, ao Ministro das Relações Exteriores, solicitando que antes que o livro seja publicado, seria oportuno ter mais notícias sobre a situação dos seringueiros colombianos no Rio Negro. Ao assinar esse Prólogo, Rivera insinua ao leitor um certo caráter de veracidade/realidade, mas, apesar disso, o contexto histórico em que a obra foi escrita, nos revela uma escrita por e para a classe social mais rica da Colômbia, uma

² Disponível em <www.cholonautas.edu.pe>. Acesso em: 07 de junho de 2016

³ Tradução minha.

vez que o autor vinha de família influente no governo colombiano e a publicação da obra teve pouco impacto para a sociedade na época.

Em 26 de novembro de 1891, Rivera abandona o cargo de secretário advogado do Ministério das Relações Exteriores, na expedição de que fazia parte, por falta de recursos governamentais, mas mesmo assim continua por conta própria, adentrando a floresta a fim de conhecer as histórias sobre o caucho. As três primeiras edições de *La Vorágine*, trazem em seu interior fotos de Arturo Cova, no caucho colombiano. Na verdade, trata-se de mais uma estratégia do autor para confundir os leitores e chamar-lhes atenção para o livro. Ou seja, o público leitor não estaria exatamente interessado na denúncia feita ou talvez considerasse a obra somente como ficção.

Porém, não só a história de Arturo Cova e Alicia, não só a situação de escravidão dos caucheiros, mas todo o espaço e positividade/negatividade que ele transmite são descritos na obra para ressaltar a ideia de paraíso/inferno convivendo juntos e mostrar que quanto mais as personagens adentram a selva, mas difícil e pesada a natureza se torna, como podemos observar no fim da primeira parte, após a personagem de Franco ter incendiado o sítio onde se encontravam:

El traquido de los arbustos, el ululante coro de las sierpes y de las fieras, el tropel de los ganados pavóricos, el amargo olor a carnes quemadas, agasajáronme la soberbi;! Y sentí deleite por todo lo que moría a la zaga de mi ilusión, por esse océano purpúreo que me arrojaba contra la selva aislándome del mundo que conocí, por el incêndio que extendía su ceniza sobre mis pasos (RIVERA, 2002, p.148)!

Voragem, vórtex, redemoinho ou turbilhão, assim é representada a selva amazônica na obra de Rivera, tão importante que se tornou o título da obra, que converteu-se em personagem central desta novela colombiana (com quem, inclusive, o narrador protagonista trava diálogos), mas que poderia ter se passado em qualquer cidade que pertencesse a Amazônia, no início do século passado:

Oh selva, esposa del silencio, madre de la soledade y de la neblina! Que hado maligno me dejó prisionero em tu cárcel verde? (...)Tu me robastes el ensueño del horizonte y solo tienes para mis ojos la monotonía de tu cenit, por donde passa el plácido albor, que jamás alumbrá las hojarascas de tus senos húmedos! (RIVERA, 2002, p.149)

De outra forma, podemos observar a todo o momento o reiterado confronto da realidade de Arturo Cova, homem urbano, com a realidade amazônica, criando uma narrativa pesada, mas ao mesmo tempo com refinada estética ao utilizar metáforas e personificações, onde as terras civilizadas a que se refere o narrador são as cidades urbanizadas de seu país, o pesadelo era a floresta. Esta é a forma como o homem branco via e ainda vê a região amazônica.

En tanto, el recuerdo del mutilado me acompañava; e con angustia jamás padecida quis huir del llano bravío, donde se respira un calor guerrero y la muerte cabalga a la garupa de los cuartagos. Aquel ambiente de pesadilla me enflaquecía el corazón, y era preciso volver a las tierras civilizadas, al remanso de la molice, al ensueño y a la quietud. (RIVERA, 2002, p.142)

Percebemos que, apesar da intenção do autor seja denunciar o trabalho escravo, ele termina por trair-se e volta-se contra a própria natureza outrora exuberante, repetindo o discurso colonizador fundador das memórias amazônicas. Permitimo-nos trazer, então a imagem que Bhabha (2016) usa em *Narrando la Nación*: o rosto de Janus, um voltado para o passado e outro para o futuro, no entanto, o discurso colonizador volta-se somente para o passado ignorando o presente e perpetuando a ideia de fragilidade da identidade cultural apresentada.

De outro modo, o conflito existencial das personagens centrais, Arturo Cova e Alicia, é desdobrado e substituído pela necessidade de sobreviver aos infortúnios que lhes acometem quando adentram a selva. Mais do que isso, esses conflitos recrudescem tanto quanto suas humanidades são postas à prova, muito embora possamos somente ficar a par dos sentimentos de Arturo Cova, narrador-protagonista.

A narrativa divide-se entre a ação e a reflexão de Arturo sobre sua situação e, portanto, em muitos momentos o leitor se vê enlevado por memórias que trazem relatos de outras personagens. Todas essas memórias, fragmentos de histórias e vidas, contribuem para construir a paisagem amazônica paradisíaca, mas ao mesmo tempo infernal.

É importante ressaltar que o narrador-protagonista registra essas memórias em um diário, com a intenção de que tal documento chegasse às mãos das autoridades governamentais colombianas e que pudessem ser tomadas medidas protetivas para os caucheiros. A história construída desta maneira reforça a ideia de

veracidade das informações apresentadas na obra, uma estratégia adotada por Rivera para dar mais visibilidade à denúncia que ele se propôs a fazer.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que nos mantém juntos enquanto identidade são as características construídas socialmente, tais como identidade, literatura, cultura e língua que são tecidas também a partir das diferenças. Porém, o problema não é a diferença, mas a forma como a diferença é usada para justificar a colonização do outro.

Desde o início da colonização amazônica, temos convivido com relatos de viagem que transformaram espaço amazônico num mito-convite para o estrangeiro continuar a vivenciar aventuras de cunho exploratório. No entanto, a Amazônia nunca foi um lugar vazio, despovoado, incivilizado. Havia e ainda há povos indígenas que por não terem o recurso da escrita e por serem alvo de colonização, ficaram à margem da construção de nossa identidade, atuando como meros coadjuvantes, da mesma forma como os caucheiros da Colômbia, descritos por Rivera, também o foram. Ao invés de contar a história desses trabalhadores escravizados, explorados não só pelos seringueiros, mas pelo próprio modo de produção capitalista, o autor foi seduzido e engolido pelos mitos amazônicos recalcados pelos colonizadores oscilando entre uma Amazônia ora paraíso, ora inferno.

Assim sendo, a literatura amazônica parece que nunca vai se desvencilhar desses mitos, dessa identidade, o rosto de Janus não olha para o futuro, ou melhor dizendo, Janus nesse contexto, é o próprio colonizador. A língua nos mantém juntos e nos divide ao mesmo tempo. Ao sabor das conveniências, o sujeito muda de identidade, adequando-a ao cenário político, histórico e social. Esses elementos constroem uma visão da Amazônia atrelada ao colonizador e que até forma parte da identidade porque assumida pelo colonizado, como podemos observar em *La Vorágine*. A Amazônia representada na obra é um espaço devorador de vidas e ao mesmo tempo inspirador para o poeta Arturo Cova, as cores e as paisagens em constante mudança no lhanco colombiano invadem a obra a todo instante, trazendo descrições ricas em lirismo que aguçam a imaginação através de metáforas e

personificações da floresta. Contudo, mesmo com a mistura de linguagem poética dentro da prosa, a narrativa enfatiza os mitos amazônicos dos primeiros relatos de viagens dos exploradores, pervertendo a intenção inicial que era um romance-denúncia. Isto pode ser observado quando o narrador enfatiza a negatividade do espaço natural para apontá-lo como o causador dos infortúnios pelos quais os caucheiros sofrem: a semiescavidão, as doenças, a prostituição, a violência. Ou seja, as belezas descritas poeticamente seriam um atrativo para o grande inferno verde, para o redemoinho, a voragem que engole os homens. Por outro lado, fica evidente a representação de uma natureza mais forte e que resiste à exploração ou que responde com violência à mesma violência que sofre.

A exemplo de outras ficções, a identidade amazônica de *La Vorágine* é representada como um lugar que desafia o homem ao extremo de suas capacidades físicas e intelectuais e que torna herói a todo aquele logra superá-la, domá-la ou simplesmente fugir dela, e por isso mesmo, uma experiência inolvidável, assim como o foi para os primeiros colonizadores.

REFERÊNCIAS

BHABHA, Homi K. **Narrando la Nación**. Disponível em www.cholonautas.edu.pe. Acesso em 07 de junho de 2016.

GONDIM, Neide. **A invenção da Amazônia**. São Paulo: Marco Zero, 1994.

HALL, Stuart. **A identidade Cultural na Pós-Modernidade**. 10ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

JELIN, Elizabeth. **Los trabajos de la memoria**. Espanha: Siglo Veintiuno, 2001.

MITRE, Antonio. **Historia: Memoria y olvido**. Disponível em: www.cholonautas.edu.pe. Acesso em 07 de junho de 2016.

PRATT, Mary Louise In: VÉSCIO, Luiz E.; SANTOS, Pedro B. (Orgs.) **Literatura e História: Perspectivas e convergências**. Bauru: EDUSC, 1999. P. 17-54.

RIVERA, José Eustásio. **La Vorágine**. Buenos Aires, Argentina: Ediciones Corregidor, 2002.

SOUZA, Márcio. **História da Amazônia**. Manaus: Editora Valer, 2009.



SILVA, Tomaz Tadeu, org. **Identidade e diferença**: a perspectiva dos Estudos Culturais. 5ª. ed. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 2004.

Biografia José Eustásio Rivera. Disponível em: http://www.biografiasyvidas.com/biografia/r/rivera_jose_eustasio.htm. Acesso em 07 de junho de 2016.

Manuscrito de La Vorágine. Disponível em: <http://www.bibliotecanacional.gov.co/content/manuscrito-de-la-vor%C3%A1gine>. Acesso em 07 de junho de 2016.

Contexto Literário. Disponível em: <http://www.bibliotecanacional.gov.co/content/la-vor%C3%A1gine-contexto-literario>. Acesso em 07 de junho de 2016.